



Que...



...vencedor...



...que..



...vencido?

As eleições às 8 horas de hoje

## Estima-se em 2 milhões o número de absentistas

De acordo com dados divulgados pela RDP, era a seguinte a distribuição, por partidos políticos e por distritos, dos presidentes de Câmaras Municipais já eleitos:

DISTRITO	PS	PSD	FEPU	CDS	PPM
AVEIRO	3	11	—	1	—
BEJA	4	1	8	—	—
BRAGA	—	4	—	2	—
BRAGANÇA	1	2	—	3	—
C. BRANCO	4	3	—	—	—
COIMBRA	7	8	—	—	—
ÉVORA	2	—	6	—	—
FARO	9	2	—	—	—
FUNCHAL	1	11	—	—	—
GUARDA	2	3	—	5	—
LEIRIA	5	7	—	—	—
LISBOA	10	—	1	1	—
PORTALEGRE	8	—	2	—	—
PORTO	7	5	—	2	—
SANTARÉM	12	2	2	1	—
SETÚBAL	3	—	10	—	—
VIANA	2	3	—	1	—
VILA REAL	1	5	—	1	1
VISEU	1	8	—	5	—
HORTA	—	5	—	1	—
P. DELGADA	—	3	—	—	—
ANGRA	—	4	—	—	—
<b>TOTAL</b>	<b>82</b>	<b>87</b>	<b>29</b>	<b>23</b>	<b>1</b>

- PSD prevê igual número de Câmaras Municipais que o PS
- CDS parece ser o «grande derrotado»
- Fracasso total das listas dos GDUP's

À hora em que encerrávamos esta nossa edição, eram oficialmente conhecidos os resultados referentes a apenas 58 dos 304 concelhos existentes no País. No entanto, o trabalho dos órgãos de Comunicação Social — nomeadamente da RDP, que para isso utilizou um terminal de computador — avançava muito mais em relação aos números oficiais, prevendo os resultados em 222 concelhos. Dada a escassez de dados e a falibilidade dos resultados previstos pelos órgãos da Comunicação Social, não nos atrevemos a comentar os resultados; ainda é cedo para isso. No entanto, tudo indica que o número de abstenções rondará os dois milhões (33,5 por cento), e que o crescimento ensaiado pela FEPU durante a noite será contido. Em contacto com o PSD/PPD na manhã de hoje, aquele partido (e é de lembrar que os diversos partidos políticos

também efectuem as suas operações paralelas de contagem de votos) previa a obtenção de um número de Câmaras Municipais igual ao número obtido pelo Partido Socialista, isto é, entre 110 e 115, contra cerca de 35 para a FEPU e igual número para o CDS.

As 8 horas de hoje, estavam apurados oficialmente os resultados referentes a 58 dos 304 concelhos existentes no País, e dos presidentes de Municípios conhecidos 22 pertenciam ao Partido Socialista, 16 à FEPU, igual número ao PSD/PPD, 4 ao CDS e 1 ao PPM.

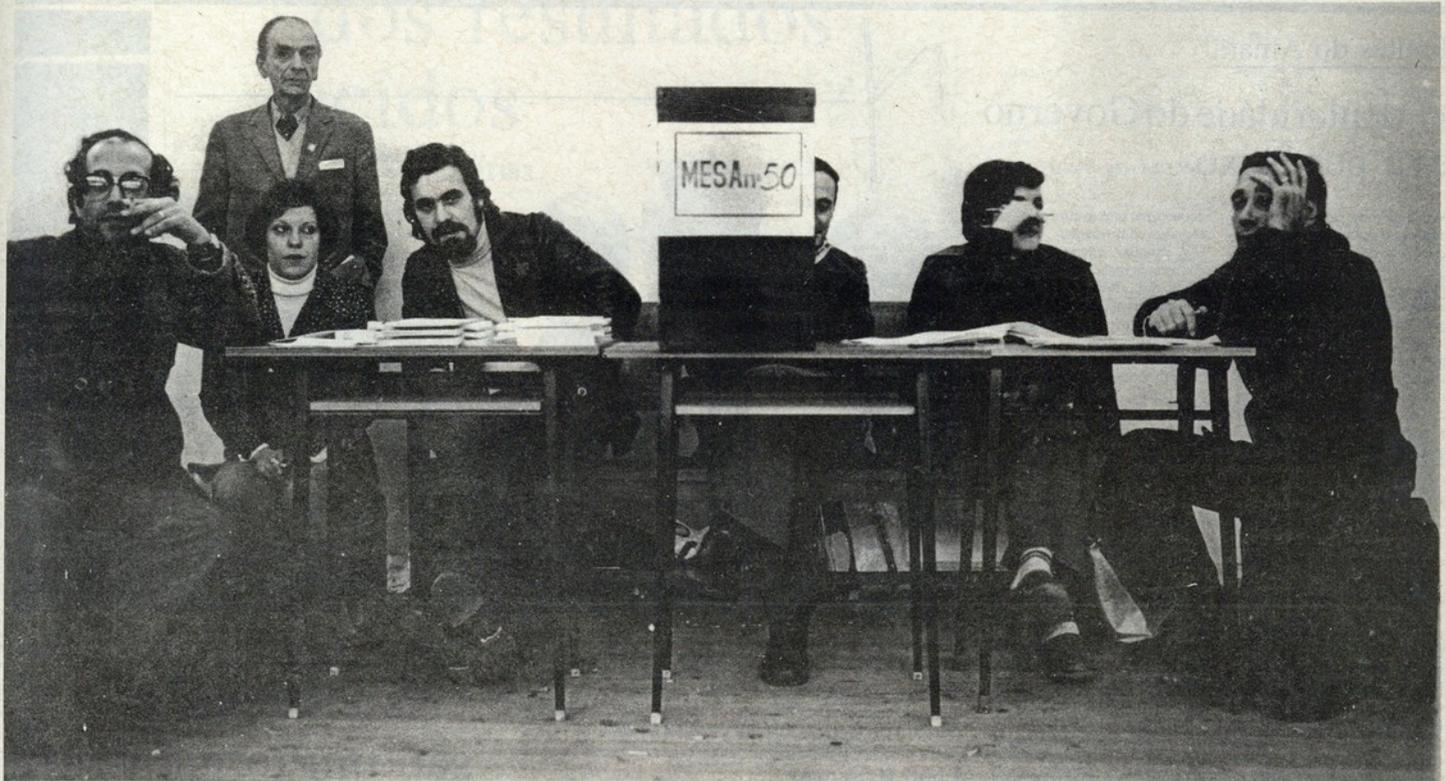
No que se refere às assembleias de freguesia, estavam apurados os resultados de 2411 num total de 4015, atribuindo a contagem dos votos, 85 presidências ao Partido Socialista, 84

(Continua na pág. 20)

Polícia espanhola procura Santiago Carrilho  
pág. 19

O papel da OPEP  
pág. 18

# poder local



## Elevada percentagem de abstenções e tranquilidade em todo o País

Desde as primeiras horas da manhã que os eleitores acorrem às secções de voto, embora nos grandes centros, como Lisboa, a percentagem de votantes, nas duas primeiras horas, não tenha sido superior a oito por cento.

A partir das 10 horas começou-se a registar, na capital, um maior afluxo de votantes e, cerca das 13 horas, tinham já votado, em muitas secções, cerca de 40 por cento dos eleitores. Durante a manhã, e ainda em Lisboa, registou-se uma menor

participação do eleitorado feminino, o que é compreensível devido aos afazeres familiares. /

Noutros centros populacionais mais pequenos, o afluxo de eleitores começou logo às primeiras horas da manhã, não se registando grandes «bichas».

De acordo com informações recebidas, no Porto tinham já votado cerca de 60 por cento dos eleitores às 15 horas, enquanto em Coimbra, à hora de almoço, a percentagem eleitoral era de 35%.

teriores, é meramente accidental. Aquilo que é essencial persiste de uma maneira quase uniforme e o essencial está na capacidade democrática manifestada pelo povo português. De novo se verifica em todo o país uma tranquilidade que é confortante, e que demonstra de maneira indiscutível que o Povo está interessado, efectivamente, em viver em segurança a sua liberdade, mas uma liberdade participada, uma liberdade discutida, um aliberdade que seja efectivamente liberdade.

«Entendo que tem havido toda uma aprendizagem e que os portugueses hoje se olham de uma maneira ligeiramente diferente, se olham com mais respeito, sabendo que é na diversidade das opiniões que eles não de encontrar a verdadeira unidade da Nação, a sua verdadeira unidade — acentuou ainda o Presidente da República.

Comparando estas com as eleições anteriores, observou: «Quanto a estas eleições, creio que elas são inteiramente diferentes das outras, qualitativamente diferentes, e é natural que as percentagens, os valores numéricos tenham de ter outra leitura e outra interpretação».

Falando depois sobre a importância política destas eleições, Ramalho Eanes declarou:

**Mário Soares:**  
«Manter a percentagem é muito bom»

Mostrando-se optimista quanto aos resultados das eleições para o seu partido, o Primeiro-Ministro Mário Soares declarou aos jornalistas que o aguardavam na Assembleia Eleitoral instalada na cantina da Faculdade de Medicina, que o PS manterá, pelo menos, a actual situação, «o que, para um partido que está no Governo — friso — já é qualquer coisa de muito bom».

«Durante cinquenta anos o Povo Português habituou-se a ver à frente dos órgãos autárquicos elementos que representavam o poder central e não a vontade local das populações. Desta vez as coisas processam-se de maneira diferente e isto, em meu entender, faz com que estas eleições tenham um significado especial.

«Não consistem apenas na prática de um direito e no exercício de um dever, tal como acontece na maioria dos países democráticos. Trata-se de uma posição de luta, em defesa de uma liberdade democrática, em defesa duma vida democrática que o Povo Português se propõe efectivamente viver» — prosseguiu o general Ramalho Eanes.

«Estou convencido — continuou o Presidente da República — de que os resultados serão suficientemente esclarecedores e estou convencido também de que as populações vão passar a viver duma maneira indiscutível a democracia, a nível dos próprios locais em que vivem, fazendo com que aí sejam os seus representantes imediatos, determinados por razões de vizinhança, razões de interesse local, a gerir convenientemente os seus problemas, a defender de maneira intransigente os seus interesses».

Admitiu, no entanto, que, «como o dia está um pouco agreste, que haja uma abstenção maior do que é costume. Pelo menos nas cidades».

Quanto a possíveis resultados eleitorais, Mário Soares afirmou que «se houvesse uma modificação muito grande nas tendências do eleitorado, isso teria evidentemente reflexos de ordem política. Mas — acrescentou — antes de mais nada, há que ver

quais são os resultados e examiná-los, porque estas eleições são complicadas e podem ter diversas leituras».

Mário Soares acrescentaria ainda que os resultados a obter pelas listas socialistas reflectirão «o bom e o mau que o Governo fez, na medida em que as pessoas têm uma apreciação favorável à política do Governo — sublinhou — terão tendência a votar socialista e, na hipótese inversa, o contrário».

Maria Barroso, deputada do PS e esposa do Primeiro-Ministro exprimiu o mesmo optimismo do marido, afirmando aos jornalistas que «estava extremamente optimista», porque, nos vários sítios em que fez comentários verificou que «havia uma adesão muito grande ao Partido Socialista, um grande entusiasmo — e isso dá-me fé em que isto vai correr muito bem e que nós não vamos descer os nossos resultados».

**Freitas do Amaral:**  
«Conseguir a democracia de base»

O presidente do CDS, Diogo Freitas do Amaral votou no Liceu Camões cerca das 13.30 horas. No fim de exercer o seu direito de voto declarou: «Considero que estas eleições são muito importantes, porque com elas se vai completar a rede das instituições democráticas previstas na Constituição e isso vai conseguir a outra fase da democracia, que é a democracia de base».

Freitas do Amaral afirmou, depois, que «estas eleições vão também constituir o primeiro passo no sentido de se conseguir começar a caminhar para uma efectiva descentralização, para que o poder efectivo seja distribuído aos vários níveis pelo corpo social, para que as responsabilidades sejam efectivamente atribuídas às populações, para que as comunidades locais possam sentir-se e ser verdadeiramente donas de si próprias».

Após ter referido que «é no fundo com estas eleições que Portugal ficará a pertencer definitivamente e completamente aos portugueses» o prof. Freitas do Amaral disse, a propósito de percentagens de votos do Centro Democrático Social: «Quanto a percentagens não me arrisco a

fazer prognósticos, suponho que nestas eleições haverá a influência de muitos factores locais e humanos que não houve nas outras. É portanto difícil comparar — frizou — não temos termo de comparação», acrescentando que preferia «esperar pelo conhecimento exacto da vontade do Povo Português».

Porém, na sua opinião, dá-se neste momento um passo muito importante no sentido de tornar possível e efectiva uma verdadeira descentralização e nós, que somos um partido fortemente descentralizador, só temos razões para nos regozijarmos com isso».

Sobre a possível modificação da percentagem de votos a favor do CDS, Diogo Freitas do Amaral salientou: «A nossa posição relativamente ao Governo não é função do número de votos que temos, mas, sim, do modo como os interpretamos, de acordo com os nossos princípios e com a vontade dos nossos eleitores, as exigências do interesse nacional».

«É possível que estas eleições — acrescentou o professor Freitas do Amaral — saiam alguns resultados no plano nacional. Elas funcionarão inevitavelmente».

(Continua na pag. 8)

**Ramalho Eanes:**  
«Os portugueses olham-se com mais respeito»

O Presidente da República votou cerca das 11.30 horas na Escola António Verney, no Bairro da Madre de Deus. Ramalho Eanes, era esperado pelo ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, e vinha acompanhado de sua esposa.

Aplaudido por algumas dezenas de pessoas que o aguardavam, Eanes, depois de exercer o seu direito de voto, declarou aos órgãos de Comunicação Social, a propósito do decurso das eleições e das diferenças existentes em relação às anteriores:

«Se alguma diferença foi notada entre estas eleições e as anteriores, é meramente accidental. Aquilo que é essencial persiste de uma maneira quase uniforme e o essencial está na capacidade democrática manifestada pelo povo português. De novo se verifica em todo o país uma tranquilidade que é confortante, e que demonstra de maneira indiscutível que o Povo está interessado, efectivamente, em viver em segurança a sua liberdade, mas uma liberdade participada, uma liberdade discutida, um aliberdade que seja efectivamente liberdade».

«Entendo que tem havido toda uma aprendizagem e que os portugueses hoje se olham de uma maneira ligeiramente diferente, se olham com mais respeito, sabendo que é na diversidade das opiniões que eles não de encontrar a verdadeira unidade da Nação, a sua verdadeira unidade — acentuou ainda o Presidente da República.

Comparando estas com as eleições anteriores, observou: «Quanto a estas eleições, creio que elas são inteiramente diferentes das outras, qualitativamente diferentes, e é natural que as percentagens, os valores numéricos tenham de ter outra leitura e outra interpretação».

Falando depois sobre a importância política destas eleições, Ramalho Eanes declarou:



# poder local

## Freitas do Amaral

### «Popularidade do Governo está por baixo»

velmente como uma grande sondagem de opinião pública à escala nacional, e nós pensamos que também daí se poderá extrair algumas ilações, embora não consideremos que destas eleições venha a sair, provavelmente, uma alteração radical na cena política portuguesa». Mas, «em todo o caso, será possível, naturalmente, extrair algumas indicações, nomeadamente, quanto à popularidade do Governo e que, em nossa opinião, está em

baixa o que provavelmente, estas eleições confirmarão».

A concluir, adiantou: «Não é por termos mais votos ou menos votos que alteraremos a nossa posição em relação ao Governo. A nossa posição em relação ao Governo depende da maior ou menor medida em que o Governo cumprir as suas obrigações para com o país, da maior ou menor medida em que o Governo for capaz de resolver os problemas».

## Álvaro Cunhal:

### «Os eleitores escolherão bem»

Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, exerceu o seu direito de voto na Escola de Medicina Veterinária, logo às 8 horas da manhã. A saída, limitou-se a dizer aos jornalistas: «Até 500 metros parece que é proibido fazer declarações políticas; de qualquer forma, não devo aqui, no recinto das eleições, fazer qualquer declaração política. Cumpro a lei, e que todos a cumpram é que eu desejo».

Entretanto, contactado posteriormente Álvaro Cunhal declarou que «estas eleições têm um triplo significado».

«O primeiro — afirmou — é a escolha pelas populações das administrações para as Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia e estamos confiantes de que, num grande número de casos, os eleitores escolherão bem, ou seja, escolherão homens e mulheres dedicados e honestos capazes de defender os seus interesses».

«O segundo — prosseguiu o secretário-geral do PCP — é a associação do voto para as Autarquias com a posição dos eleitores relativamente aos problemas mais instantes que os afetam, designadamente nas zonas industriais e nas zonas de Reforma Agrária, em que a votação para as autarquias está ligada a posições assumidas em relação às nacionalizações, Reforma Agrária, controle operário e defesa dos interesses dos trabalhadores».

«Apesar da utilização indevida da televisão e dos grandes meios de comunicação social pelo Governo, das grandes operações de intimidação dos trabalhadores alentejanos do terrorismo fascista e da provocação esquerdista, esperamos que a votação traduza a determinação do povo trabalhador em defender as conquistas alcançadas».

«Terceiro significado: na votação nacional o resultado não deixará de ser invocado por for-

ças políticas, que obtiveram altas votações, para justificar a exigência duma concordância da política nacional com as próprias soluções que apresentem».

Referindo-se à campanha da Frente Eleitoral Povo Unido (FEPU), à qual o Partido Comunista Português deu o seu apoio, Álvaro Cunhal observou que, «se a votação corresponder aquilo que a campanha da Frente Eleitoral Povo Unido leva a admitir, a expressão pelo Povo Português do desejo de defender, consolidar e prosseguir a democracia, poderá permitir uma evolução favorável da situação política do país».

Quanto às acusações de envolvimento da FEPU no rebentamento de petardos na vila de Amarante, no norte de Portugal, o secretário geral, do Partido Comunista Português negou-as, comentando a propósito:

«As provocações contra a Frente Eleitoral Povo Unido visam naturalmente fazer crer ao eleitorado que a responsabilidade dos actos terroristas, que sem qualquer dúvida partem da mão dos fascistas e contra-revolucionários, são da responsabilidade dos democratas portugueses».

«Visam, ainda, assustar o eleitorado, apresentar a frente como uma aliança não democrática e justificar as reclamações dos saudosistas do passado no sentido da instauração duma nova ditadura».

«A provocação da direita anda ligada à provocação dos GDUP's na Lobata e em Beja visava criar conflitos e choques, cuja responsabilidade seria depois assacada à Frente Eleitoral Povo Unido e ao Partido Comunista».

«Estas provocações — disse a terminar Álvaro Cunhal — não deixam de enganar muito boa gente, mas cremos que é cada vez menor o número daqueles que se deixam enganar».

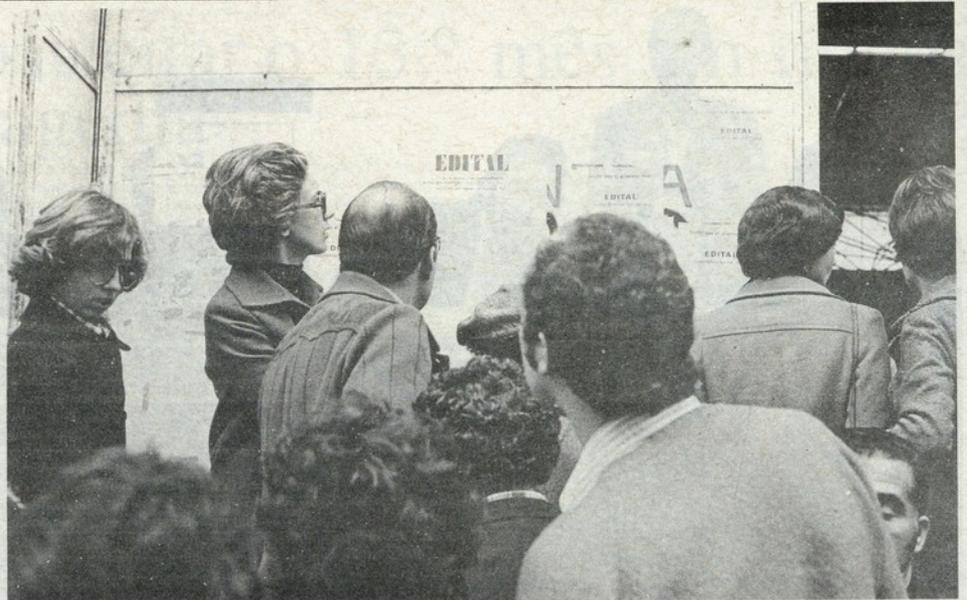
## Otelo Saraiva de Carvalho votou em Oeiras

O segundo candidato mais votado nas eleições presidenciais, o ex-comandante do ex-COPCON, major Otelo Saraiva de Carvalho exerceu o seu direito de voto numa das mesas da Assembleia de Oeiras instalada no Liceu daquela vila.

Saraiva de Carvalho chegou acompanhado pela esposa e um amigo e dirigiu-se de imediato à sua secção de voto onde o respectivo presidente, apesar de Otelo ter junto dele repórteres fotográficos e operadores de imagem e de som da Televisão, não deixou de lhe solicitar a identificação, tendo Saraiva de Carvalho apresentado o seu cartão militar.

interrogaram o candidato pelos GDUP's às presidenciais o qual, todavia, diria a um deles que esperava ver a sua situação actual (liberdade condicional) resolvida em breve, nada mais adiantando acerca do caso.

Já longe do local de voto, Otelo de Carvalho perguntou a duas activistas dos GDUP's como tinha sido a afluência de votantes, em Oeiras, até aquele momento (cerca das 15 e 15) tendo-lhe sido respondido que admitiam que as abstenções fossem em percentagem elevada, acrescentando que a desmobilização das pessoas em relação ao acto eleitoral é muito grande e que o seu impedimento em contactar com o público também tem



efeitos desmobilizantes entre os seus seguidores.

Tal como milhões de outros eleitores, Otelo de Carvalho não teve qualquer recepção especial

## Pinto Balsemão:

### «A abstenção não serve a democracia»

O dirigente do PPD/PSD dr. Pinto Balsemão, que encabeça a lista daquele partido para a Assembleia Municipal de Cascais, exerceu o seu dever cívico no Pavilhão dos Desportos naquela vila.

Em resposta a uma pergunta que lhe foi posta acerca da pouca afluência que se verificava àquela hora (cerca das 14 horas) o dr. Pinto Balsemão diria que a abstenção não serve a democracia, mas «muitas pessoas estão a descreditar que as eleições possam alterar a situação, desacreditando, por isso, na democracia, o que é muito grave neste momento».

«Por outro lado — acrescen-

quando foi votar e, apesar de pouco tempo depois de dizer nas proximidades que tinha ido acompanhado pelos habituais «gorilas», tal facto não corresponde à verdade.

tu — as minorias activistas, que não se demitem das suas obrigações, conseguem resultados que os outros depois dizem não ser significativos, mas de qualquer modo correspondem aos valores reais e que foram expressos».

A uma outra questão, respondeu que o seu partido pretendeu que estas eleições não tivessem carácter de plebiscito e fossem de âmbito local, escolhendo para integrar as suas listas naturais ou residentes nas localidades onde se apresentou a sufrágio e não indo procurar gente de fora que até na maioria dos casos desconhece os problemas das localidades por onde se candidatou.



## Tranquilidade na Província

No Algarve, o acto eleitoral decorreu ontem na maior normalidade, o que levaria, aliás, a que o dr. Almeida Carrapato, governador civil de Faro declarasse aos jornalistas: «O Algarve é pluralista e é pela coexistência política». Em toda esta província, apenas um acidente: numa secção de voto da Freguesia do Ameixial, o presidente faltou.

Nos onze municípios do Arquipélago da Madeira, a votação decorreu sem quaisquer incidentes, tendo-se, no entanto, verificado uma baixa de afluência em relação às eleições para a Assembleia da República na ordem dos 20%.

No Centro do País, muitos eleitores de toda a vasta zona que se estende das serranias da Gardunha, Estrela, Carumulo, Buçaco e Lousã aos vales do Vouga, Mondego e Liz, tiveram que

percorrer distâncias consideráveis até às respectivas assembleias de voto. A pé, de bicicleta ou de burro, milhares de cidadãos dos povoados e lugares mais remotos apenas puderam atingir as urnas, já no final da manhã.

No entanto, nos meios rurais da zona do Centro do País, a percentagem de votação foi bastante baixa, não indo além dos 55%.

No Arquipélago dos Açores, onde a afluência às urnas se cifrou entre os 50 e os 55% dos eleitores inscritos, e onde o acto eleitoral decorreu sem qualquer incidente, verificou-se uma falta de esclarecimento eleitoral, em virtude dos programas eleitorais exibidos na RTP, (no Continente) não terem chegado àquela arquipélago, pelo menos até 7 do corrente.

## Manuel Alegre

### «As eleições são um termómetro»

Manuel Alegre, Secretário de Estado da Comunicação Social, esteve na Gulbenkian cerca das zero horas de hoje, visitando demoradamente as instalações, acompanhado por João Soares Louro subsecretário de Estado do mesmo departamento governamental. Abordado pelos jornalistas, diria, relativamente à influência que estas eleições poderão ter para a política do Governo: «Nós, como somos um partido democrático, formando um governo democrático, tiraremos sempre as nossas conclusões e indicações. Mas estas eleições não têm consequências directas e imediatas em relação ao Governo».

Quando lhe perguntaram se estas eleições não poderiam fazer reflectir a política do Governo, neste ou naquele sentido, quando posto perante as tais

conclusões, Manuel Alegre respondeu: «nós temos um programa, discutido e aprovado pela Assembleia da República. Esse é o programa que será aplicado. As eleições são sempre um termómetro e penso que nós mantivermos a posição alcançada nas eleições para a Assembleia da República, ou se reforçarmos essa posição, será um reforço da posição do Governo».

Quando posto perante a realidade dos primeiros resultados conhecidos (que às zero horas davam uma certa vantagem ao PSD/PPD), Manuel Alegre considerou o facto sem significado afirmando estar convencido que a maioria será novamente PS. De momento era ainda cedo para pensar em vitórias ou derrotas, convindo que os dirigentes políticos sejam mais comedidos nas suas afirmações extemporâneas.

## Satisfação na sede do PS

Procurando acompanhar as eleições para as autarquias locais em vários centros políticos relevantes, «Jornal Novo» esteve até cerca das 3 horas da madrugada de hoje na sede do Partido Socialista. O ambiente que ali reinava era de satisfação, pois desde muito cedo que o Partido Socialista dispunha de bastantes resultados, que lhe eram transmitidos pelas suas Federações distritais.

Os dados transmitidos na televisão pelo prof. Jorge Campinos, na sua qualidade de responsável da organização da campanha eleitoral do Partido Socialista, eram naquela sede já conhecidos bastante tempo antes, e permitiam aos elementos daquela organização política uma certa tranquilidade.

Na sede do PS foi bastante saudada a vitória de Porto Santo, bem como o aumento significativo de votos no sul do país.

Contrariamente ao que aconteceu nas eleições para a Assembleia da República e Presidente da República, encontravam-se no Largo do Rato um número relativamente pouco significativo de pessoas. Grande parte da direcção do PS não estava na sede e outros apenas por ali pas-

saram, tendo ido ou para a Gulbenkian ou para suas casas.

O secretário-geral do PS, Mário Soares, esteve na sede do seu partido grande parte da noite, tendo aí tido progressivamente conhecimento dos resultados eleitorais. Com um ar de visível satisfação, o secretário-geral do PS esteve quase sempre na sala de convívio, assistindo com os seus camaradas, e órgãos de comunicação social ali presentes, ao programa da televisão.

Cerca das 3 horas da manhã esteve naquela sede o presidente da Câmara de Lisboa, eleito que declarou a «Jornal Novo»: «Só conhecemos os resultados parciais. Corresponde às perspectivas que tínhamos, e parece-nos que não irá haver grandes flutuações em relação às eleições anteriores. No entanto, é ainda bastante cedo para podermos emitir qualquer opinião masi fundamentada».

O arquitecto Aquilo Ribeiro Machado declarou ainda, a propósito do seu trabalho como presidente da Câmara de Lisboa, que ele estava facilitado pela grande percentagem de freguesias que o PS iria ganhar em Lisboa.

# poder local

## Alguns dos resultados já conhecidos

Segundo o que conseguimos apurar, até cerca das oito horas de hoje, em 70 concelhos do continente, cinco da Madeira e dois dos Açores (Ponta Delgada) permitem apresentar os quadros que a seguir se inserem e têm um valor relativo porque apenas indicam o apuramento disperso dado que faltam, ainda, os concelhos mais significativos cujos resultados estavam a ser trabalhos à hora em que fechamos esta edição.

Junto aos quadros indicam-se, também alguns nomes de Presidentes de Câmaras já conhecidos embora não tivessem sido facultados os valores apurados no sufrágio por esses concelhos.

Registe-se que estes resultados se referem apenas a 77 dos 304 concelhos do País.

### DISTRITO DE AVEIRO

#### Concelho de Águeda

Inscritos	27 656	Votantes 17 041	Afl 61,62%
PSD/PPD	5 736 votos	33,66%	3 mandatários eleitos
PS	4 887	28,68%	2 mandatários
CDS	4 518	26,51%	2 mandatários
FEPU	1 208	7,09%	

Presidente da Câmara: Valdemar Cardoso Alves — PSD/PPD

#### Concelho de São João da Madeira

Inscritos	10 463	votantes 8028	Afl 76,73
PS	3 256 votos	40,56%	4 mandatários eleitos
CDS	3 197	39,82%	3 mandatários
PSD	634	7,90%	
FEPU	557	6,94%	
GDUP/PS	156	1,94%	
PCPML	42	0,52%	

Presidente da Câmara: Benjamin Oliveira Valente — PS

#### Concelho da Mealhada

Inscritos	12 144	Votantes 6 632	Afl 54,64
PS	2 983 votos	44,96%	4 mandatários eleitos
PSD	2 080	31,35%	3 mandatários
CDS	612	9,22%	
FEPU	481	7,25%	
MRPP	185	2,79%	

Presidente da Câmara: Maria Ó Santos Isabel — PS

### DISTRITO DE BEJA

#### Concelho de Almodôvar

Inscritos	7 821	Votantes 4 312	Afl 55,13%
PS	2 786 votos	64,61%	4 mandatários eleitos
PSD/PPD	657	15,24%	1 mandatário
FEPU	545	12,64%	

Presidente da Câmara: Carlos D. Morgadinho Gago — PS

#### Concelho do Alvito

Inscritos	2 296	Votantes 1690	Afl 73,61%
PS	828 votos	48,99%	3 mandatários eleitos
FEPU	737	43,61%	2 mandatários

Presidente da Câmara: Joaquim A. Pereira Cabanas — PS

#### Concelho de Cuba

Inscritos	4 461	Votantes 3 506	Afl 78,59%
FEPU	1 958 votos	55,85%	3 mandatários eleitos
PS	1 280	36,51%	2 mandatários

Presidente da Câmara: Francisco J. Rodrigues — F.E.P.U.

#### Concelho de Ourique

Inscritos	6 435	Votantes 3 661	Afl 56,89%
PSD/PPD	1 742 votos	47,58%	3 mandatários eleitos
FEPU	1 035	28,22%	1 mandatário
PS	678	18,52%	1 mandatário

Presidente da Câmara: Ramiro Sobral de Vilhena — PSD/PPD

### DISTRITO DE BRAGA

#### Concelho de Amares

Inscritos	9 160	Votantes 7 148	Afl 78,03%
CDS	2 712 votos	37,94%	2 mandatários eleitos
PSD/PPD	1 943	27,18%	2 mandatários
PS	1 809	25,31%	1 mandatário
FEPU	208	2,91%	

Presidente da Câmara: Tomé S. Gonçalves Macedo — CDS

#### Concelho de Fafe

Inscritos	26 473	Votantes 18 472	Afl 69,78%
PSD	6 588 votos	35,66%	3 mandatários eleitos
PS	6 135	33,21%	3 mandatários
CDS	3 082	16,68%	1 mandatário
FEPU	1 529	8,28%	

Presidente da Câmara: António Antunes Guimarães — PSD

### DISTRITO DE BRAGANÇA

#### Concelho do Vimioso

Inscritos	5 414	Votantes 2 945	Afl 54,40%
PSD/PPD	1 395 votos	47,37%	3 mandatários eleitos
PS	1 119	38,00%	2 mandatários
FEPU	116	3,94%	

Presidente da Câmara: Joaquim Nascimento Marrão — PSD/PPD

### C.ONSELHO DE Torres de Moncorvo

Inscritos	9 756	Votantes 4 937	Afl 50,60%
PS	1 577 votos	31,94%	2 mandatários eleitos
PSD/PPD	1 503	30,44%	2 mandatários
CDS	1 324	26,82%	1 mandatário
FEPU	185	3,75%	

Presidente da Câmara: José António Marrana — PS

#### Concelho de Alfândega da Fé

Inscritos	5 647	Votantes 3 269	Afl 57,89
CDS	2 187 votos	66,90%	4 mandatários eleitos
PS	754	23,07%	1 mandatário
FEPU	259	7,92%	

Presidente da Câmara: Carlos F. Vieira Castro — CDS

### DISTRITO DE CASTELO BRANCO

#### Concelho de Vila de Rei

Inscritos	3 963	Votantes 2 443	Afl 61,65%
PSD/PPD	1 804 votos	73,84%	4 mandatários eleitos
PS	448	18,34%	1 mandatário
FEPU	31	1,27%	

Presidente da Câmara: Hermínio Baptista Santos — PSD/PPD

#### Concelho de Penamacor

Inscritos	9 992	Votantes 4 172	Afl 41,75%
PS	1 742 votos	41,75%	2 mandatários eleitos
CDS	1 263	30,27%	2 mandatários
PSD/PPD	737	17,67%	1 mandatário
FEPU	108	2,59%	

Presidente da Câmara: José Pinto — PS

#### Concelho de Idanha-a-Nova

Inscritos	14 225	Votantes 7 692	Afl 54,07%
PS	3 291 votos	42,78%	4 mandatários eleitos
PSD/PPD	2 502	32,53%	3 mandatários
CDS	703	9,14%	
FEPU	396	5,15%	

Presidente da Câmara: Pedro A. Camacho Vieira — PS

#### Concelho de Belmonte

Inscritos	4 955	Votantes 2 634	Afl 53,16%
PS	1 251 votos	47,49%	3 mandatários eleitos
FEPU	424	16,10%	1 mandatário
PSD/PPD	417	15,83%	1 mandatário
CDS	357	13,55%	

Presidente da Câmara: Anselmo Alves Sousa — PS

### DISTRITO DE LEIRIA

#### Concelho de Pedregão Grande

Inscritos	4 735	Votantes 2 495	Afl 52,69%
PSD/PPD	1 544 votos	61,88%	4 mandatários eleitos
PS	524	21,00%	1 mandatário eleito
CDS	223	8,94%	
FEPU	75	3,01%	

Presidente da Câmara: Mário Coelho Fernandes — PSD/PPD

#### Concelho de Castanheira de Pera

Inscritos	3 796	Votantes 2 521	Afl 66,41%
PS	1 467 votos	58,19%	4 mandatários eleitos
PSD	712	28,24%	1 mandatário eleito
FEPU	189	7,50%	

Presidente da Câmara: Júlio P. Nunes Henriques — PS

#### Concelho de Batalha

Inscritos	8 312	Votantes 5 900	Afl 70,98%
PSD	2 195 votos	37,20%	2 mandatários eleitos
CDS	2 071	35,10%	2 mandatários eleitos
PS	1 304	22,10%	1 mandatário eleito
FEPU	138	2,23%	

Presidente da Câmara: Francisco Santos Coutinho — PSD

### DISTRITO DE LISBOA

#### Concelho do Cadaval

Inscritos	10 605	Votantes 6 242	Afl 58,86%
PS	2 225 votos	35,65%	3 mandatários eleitos
CDS	1 568	25,12%	2 mandatários eleitos
PSD/PPD	1 537	24,62%	2 mandatários eleitos
FEPU	467	7,48%	

Presidente da Câmara: Rui Nunes Lopes — PS

#### Concelho de Alenquer

Inscritos	26 509	Votantes 15 835	Afl 59,73%
PS	6 966 votos	43,99%	4 mandatários eleitos
FEPU	4 022	25,40%	2 mandatários eleitos
PSD	2 142	13,53%	1 mandatário eleito
CDS	1 331	8,41%	
MRPP	362	2,29%	
GDUP'S	345	2,18%	

Presidente da Câmara: Álvaro J. Gomes Pedro — PS

#### Concelho da Azambuja

Inscritos	13 567	Votantes 8 602	Afl 63,40%
PS	3 798 votos	44,15%	4 mandatários eleitos
FEPU	2 052	23,85%	2 mandatários eleitos
PSD	1 277	14,85%	1 mandatário eleito
GDUP'S	842	9,79%	
MRPP	182	2,12%	

Presidente da Câmara: Amadeu C. O. Basto Lima — PS

#### Concelho de Arruda dos Vinhos

Inscritos	6 331	Votantes 3 600	Afl 56,86%
PS	1 679 votos	46,64%	3 mandatários eleitos
FEPU	830	23,06%	1 mandatário eleito
CDS	481	13,36%	1 mandatário eleito
PSD	355	9,86%	
MRPP	97	2,69%	

Presidente da Câmara: Jorge Vassallo Oliveira — PS

#### Concelho de Mafra

Inscritos	31 278	Votantes 16 507	ÇAFL 52,78%
PS	6 657 votos	40,33%	3 mandatários eleitos
PSD	5 054	30,62%	3 mandatários eleitos
FEPU	1 997	12,10%	1 mandatário eleito
CDS	1 141	6,91%	
GDUP'S	336	2,04%	
MRPP	335	2,03%	

Presidente da Câmara: Manuel C. V. Soutelinho — PS

### DISTRITO DE PORTALEGRE

#### Concelho de Fronteira

Inscritos	3 491	Votantes 2 646	Afl 75,79%
PS	1 263 votos	47,73%	3 mandatários
CDS	632	23,89%	1 mandatário eleito
FEPU	346	13,08%	1 mandatário eleito

Presidente da Câmara: João L. Oliveira Semedo — PS

#### Concelho de Gavião

Inscritos	5 717	Votantes 3 338	Afl 58,39%
PS	1 877 votos	56,23%	4 mandatários eleitos
FEPU	789	23,64%	1 mandatário eleito
CDS	403	12,07%	

Presidente da Câmara: António Moutinho Rúbio — PS

### DISTRITO DO PORTO

#### Concelho de Paredes

Inscritos	33 003	Votantes 22 622	Afl 68,55%
CDS	7 352 votos	32,50%	3 mandatários eleitos
PS	6 700	29,62%	2 mandatários eleitos
PSD	5 837	25,80%	2 mandatários eleitos

Presidente da Câmara: Francisco M. Ribeiro Mota — CDS

#### Concelho de Lousado

Inscritos	19 009	Votantes 12 873	Afl 67,72%
PSD/PPD	6 208 votos	48,22%	4 mandatários eleitos
PS	4 208	32,69%	3 mandatários eleitos

Presidente da Câmara: Amílcar A. Leite Neto — PSD/PPD

#### Concelho de Marco de Canaveses

Inscritos	24 889	Votantes 15 647	Afl 62,87%
PSD	6 263 votos	40,03%	2 mandatários eleitos
PS	4 773	30,50%	3 mandatários eleitos
CDS	2 732	17,46%	1 mandatário eleito
FEPU	1 167	7,46%	

Presidente da Câmara: Amadeu C. Encarnação — PSD

#### Concelho de Póvoa de Varzim

Presidente da Câmara: Manuel Tenreiro Carneiro — CDS

#### Concelho de Matosinhos

Presidente da Câmara: Mário Moreira da Maia — PS

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível, hoje, publicar todos os resultados conhecidos até à hora de fecho desta edição, o que faremos amanhã.

# poder local

Mário Soares

## «Uma consolidação da posição do Governo»

Lisboa, Porto, Santarém, Guarda, Coimbra, Faro e Setúbal foram das mais apreciadas vitórias para Mário Soares nas eleições. Perante as Câmaras da Televisão, o primeiro-ministro classificou a «FEPU como um novo *travesti* do PCP», para se apresentar menos agressivo perante o eleitorado. Realitativa-mente às declarações de Álvaro Cunhal, Mário Soares acusou o dirigente comunista de falar em nome do povo português, tomando em consideração os 17% das eleições anteriores.

Comentando as declarações que Freitas do Amaral anteriormente fizera na RTPe que classificara com «vitória» para o CDS os resultados obtidos em Aveiro, Mário Soares confirmou essa mesma vitória, mas considerou este partido como localizado a uma certa região do País, o

mesmo dizendo em relação ao PSD e ao PCP.

A uma pergunta sobre se admitia que socialistas teriam votado na FEPU, Mário Soares respondeu:

«É perfeitamente possível que pessoas que votaram nas eleições anteriores no PS se tenham deslocado e votado agora noutro sector eleitoral. Da mesma maneira é perfeitamente possível que pessoas que anteriormente tinham votado nos GDUP's e no próprio PCP tenham agora votado no PS. Por alguma razão nós ganhámos em Setúbal e nalguns concelhos do Alentejo. Portanto, essas deslocacões de votos dão-se e eu verifico com simpatia que naquelas regiões consideradas regiões progressivas do País o Partido Socialista progride. O dr. Álvaro Cunhal veio à televisão explicar que isso teria



sido o voto útil da direita e isso significa que há muita direita no Alentejo, porque quando nós temos percentagens tão grandes como aquelas que tivemos em Moura, na ordem dos 46 ou 47% isso significa que a direita está implantada nesses concelhos alentejanos. O que me parece é que efectivamente não é o caso. O Partido Socialista progride em toda a zona industrial do país; por isso ganhou no Montijo; por isso ganhou na Covilhã; por isso ganhou em Setúbal; por isso ganhou em São João da Madeira. E nas regiões onde perdeu, por exemplo tivemos uma perda que é importante, relativamente à zona de Vila Franca, perdemos com uma diferença mínima. Da mesma maneira que as percentagens que nós temos em alguns concelhos do Alentejo, verifica-se que perdemos com

Directamente da RTP

## Olhe que não, dr. Cunhal, olhe que não...

Lumiar (RTP) — 4 horas — Cantava já (e bem) o recém-progressista Paulo de Carvalho, acompanhado (e bem) pelo «Aráripa», quando chegámos à fala com o dr. Álvaro Cunhal, «grande chefe cabeleira branca» da Frente Eleitoral Povo Unido.

Acabara de dizer (alto e bom som), pela TV, país fora, que no Alentejo, como em outros locais, a direita, a reacção vota no PS. Razão, pois, da votação maioritária no partido do Governo, em tanta assembleia que ele — Cunhal — talvez não tivesse previsto. Conversámos. Sem peias, nem punhos de render.

— Como explica, senhor doutor, que o PCP pretenda, não evidentemente, colar-se a um partido — o PS — cuja acção política sugere que nele vote a «direita reacção»? A. Cunhal — Nós, os comunistas, não temos pretendido colar-nos ao PS. Ahamos, isso sim, que devemos dialogar com o Partido Socialista, de forma a encontramos soluções comuns

para a nossa vida política e social.

— Mas como não chamar «colagem» a essa diariamente afirmada «necessidade» de constituir a tal «maioria de esquerda»?

A. Cunhal — Nós não queremos é alinhar em soluções como as que o dr. António Barreto dá para a Reforma Agrária...

— Dr. Álvaro Cunhal, não foi isso, de todo, que lhe perguntámos.

A. Cunhal — É no entanto isso, exactamente, o que lhe respondo.

Insistimos ainda uma vez, ultrapassando o desconchavo de uma resposta a despropósito:

— Ajude-nos a explicar ao país como pode um partido de «esquerda» desejar alinhar — e tal é diariamente afirmado por si — com um PS em que pontifica a «reacção»?

A. Cunhal — Nós só queremos dialogar com o PS, nunca nos moviu qualquer coligação. A nossa posição tem sido mal

## A grande noite nos estúdios do Lumiar



Que preocupa, em noite de relaxe, Firmino Miguel e Jaime Neves?



Costa Brás e Sá Carneiro. Que lhe disse o ministro?



Boa disposição evidente reinou nas fileiras do CDS



Natalia Correia conversou animadamente com Carlos Guinote, do Secretariado do PCP(m-l)



Tomás Rosa, o anfitrião atento da longa noite de ontem

dente dos dados, que a RTP pretendia desvirtuar os números, o que o povo (coitado do povo) estava a ser enganado. Como se fosse possível, em democracia, pela fria realidade da contagem dos votos, ludibriar quem quer que fosse... Adiante.

La dentro, um mundo de gente política ganhava democraticamente espaço para conviver, beber mais um copo e merecer a eleição das «chapas» dos repórteres fotográficos.

Enquanto ao país se servia, nos ecrãs, Manuel de Almeida, Max (que bem, com que juventude, ele reinventava todo um repertório estafado...), o «Sr. Contente e o sr. Feliz», Cidália Moreira, na sala, alguns «vip's» iam solegando receitas políticas para o «momento histórico» que atravessamos, embalados no torpor agradável de mais uma cáida noite das grandes decisões.

Jaime Neves foi figura importante da reunião («agora já estamos em segurança», ouvimos dizer à sua chegada), como o foram, também, António Barreto, Firmino Miguel, Manuel Alegre, Costa Brás, Freitas do Amaral, Amaro da Costa, Basílio Horta, Sá Carneiro, Maria Barroso, Edmundo Pedro, Carlos Guinote, Natália Correia, Canto e Castro, Sousa e Castro, Vitor Alves, Vasco Lourenço, Gomes Mota, Tomás Rosa. E mais, muitos mais.

Relatar as preferências mais evidentes nos contactos havidos ao longo da madrugada, seria, de certo, atropelar as certezas íntimas dos «maiores» desta terra que estiveram presentes, sendo que — não falemos em oportunismos de ocasião — nem sempre os núcleos formados primaram por grande coerência. Essa, teve-a o «Povo Unido» (tratado de «travesti» pelo primeiro-ministro Mário Soares) que achou por bem não se misturar demasiado.

Isto aconteceu, madrugada alta, nos estúdios do Lumiar da RTP. Ai, a convite dos maiores da empresa, reuniram-se, durante longas horas, algumas centenas de pessoas que acompanharam — em directo do estúdio ou na «sala de visitas» bem regada de «whisky» — a máxima cobertura televisiva destas eleições.

Correu bem, a notitada, com aplausos para os elementos das Relações Públicas, inexcusáveis de bem receber, de afabilidade e cuidados. O verdadeiro ambiente eleitoral foi, desta vez, desviado da habitual Gulbenkian para as velhas instalações da Alameda das Linhas de Torres, com algumas vantagens.

A dada altura, resposta ao esforço dispendido pelos Serviços de Informação da RTP para divulgar, passo a passo, o andamento numérico da votação — tendo em conta a avaria do computador que debitava os apuramentos — topámos com Aurélio Santos (do Comité Central do PCP) «desancando» o tenente José Maria Parente (director da Informação da estação televisiva): que havia manipulação evi-

## Acácio Barreiros

### «Os resultados não foram maus»

Acácio Barreiros, deputado pela UDP, assim interpretou os resultados obtidos pelos GDUP's, nas eleições para as autarquias locais:

«Não consideramos os resultados maus, até porque os resultados são muito reduzidos em termos de quantidade. A maioria dos resultados de Câmaras são de concelhos onde os GDUP's não concorreram e, portanto, as percentagens globais enganam bastante».

Referiu que os concelhos «conhecidos não são significativos. No entanto em Beja, dos concelhos já conhecidos, os GDUP's obtiveram uma percentagem bastante reduzida e a FEPU e o PS obtiveram resultados bastante mais elevados. Justamente Beja foi um dos distritos onde o maior Otelo obteve um número substancial de votos...».

«Eu disse que na percentagem global e na maioria dos resultados os concelhos até agora apreendidos, os GDUP's não tinham concorrido. Em alguns concorreram. Nós consideramos que no

caso de se verificar um abaixamento do número de votos, em relação à campanha do general Otelo Saraiva de Carvalho, isso tem uma explicação clara. É que esta campanha, pela forma como foi conduzida, pela forma como foi preparada pelos partidos burgueses, reacçãoários e fascistas, levou a que fosse muito difícil ao povo trabalhador identificar onde devia fazer o seu voto antifascista e revolucionário, consequente com o que havia feito nas eleições presidenciais. Nomeadamente, o facto dos decretos-lei que regulamentam estas eleições terem saído praticamente às portas das eleições, o facto de se ter impedido que as forças políticas principais concorrentes nestas eleições pudessem utilizar os grandes meios de informação e nomeadamente a rádio e a televisão, levou a que nesta campanha praticamente fossem os grandes partidos, aqueles que têm muito dinheiro para fazer milhares de cartazes, pudessem fazer a sua propaganda e confundir o povo traba-

lhador, não lhe permitindo ver claramente de que lado se encontra o verdadeiro voto antifascista e revolucionário.

«Mas isso não significa a falta de implantação local dos GDUP's ou da UDP e dos outros partidos que apoiam e do carisma pessoal do maior Otelo?»

«Não. Pelo contrário, devo dizer-lhe que esperamos que esta votação traduza claramente que os GDUP's têm hoje uma implantação a nível nacional, porque, não possuindo dinheiro, tendo sido vedada a sua participação nos órgãos de informação, particularmente na rádio e na televisão, o facto de, desde a campanha do general Otelo Saraiva de Carvalho, os GDUP's praticamente não terem aparecido na televisão ou na rádio, apesar disso tudo, é devido precisamente a essa implantação a nível nacional, do esforço pessoal dos militantes dos GDUP's, que estamos convencidos que a actual votação vai traduzir esse esforço e vai mostrar que, de facto, essa implantação existe.»

## António Barreto

### «A democracia faz-se à volta de grandes forças políticas»

Abordado pelos jornalistas sobre a importância das eleições, António Barreto, que actualmente acumula as pastas da Agricultura e Pescas e do Comércio Externo e Turismo, exprimiu a sua satisfação por ver que «a real democracia portuguesa começa agora a funcionar, a todos os escalões, o que por outro lado nos vai permitir a partir de agora encetar uma grande tarefa, que é a tarefa da descentralização, da regionalização, o que só é possível quando há democracia em todos os escalões da sociedade.»

Depois de afirmar que a descentralização não pode ser «um acto voluntarista do Poder Central», mas passa sobretudo por uma responsabilização das populações, António Barreto falou as consequências que as suas recentes declarações públicas poderiam ter tido nos resultados das eleições, afirmando que o impacto das suas palavras deve ter sido maior nos campos, onde os problemas abordados são sentidos com maior intensidade.

«E sobre resultados obtidos em algumas regiões:

«Dos resultados que vi até agora, houve dois que me surpreenderam agradavelmente, são duas Câmaras Municipais que o PS conquistou nos concelhos de Alvito e da Vidigueira, no Alentejo. Houve uma que me entristeceu, foi o concelho de



prenderam agradavelmente, são duas Câmaras Municipais que o PS conquistou nos concelhos de Alvito e da Vidigueira, no Alentejo. Houve uma que me entristeceu, foi o concelho de

Mesão Frio, em que o PS estava à cabeça nas últimas eleições legislativas, e cujos resultados mostram que a Câmara Municipal foi ganha pelo PSD...»

Quanto a outros resultados, há a surpresa de Ribeira da Pena, concelho transmontano onde ganhou o PPM. Apesar disso, e nesta altura do apuramento dos votos, acho que se pode concluir que há uma consolidação em volta dos quatro grandes partidos representados na Assembleia da República; os outros grupos ou partidos que se apresentaram às eleições têm relativamente pouco impacto a nível nacional. A democracia faz-se à volta de grandes forças políticas.»



## Ao Norte nada de novo

Foi domingo calmo o do Porto. Votou-se sem atropelos e se se considerar pelo seu valor facial a declaração de Cal Brandão, de que a afliência às urnas nortenhas rondará os 75%, pode concluir-se que nem se votou pouco.

Antes do almoço votou Pires Veloso, em Cedofeita. O brigadeiro vierá propositadamente de Lisboa. Tendo o cuidado de prevenir os jornalistas de que daquela vez não quereria fazer declarações, o brigadeiro admitiu contudo a sua grande consideração pela «maior parte da Imprensa» e considerou aquele «um dia de muita alegria» porque ficou a marcar na opinião do brigadeiro mais visitado deste país, «uma etapa importante na conquista da democracia em Portugal». Horas antes, ainda de madrugada, três jovens foram presos nos Marquês por andar a colar panfletos «subversivos», nos quais se dizia do governo tanto mal quanto aquele que se tem dito na Assembleia; e da P.S.P. e G.N.R. tal mal quanto o tem feito o P.C.P. e os GDUP's, por exemplo, e se convidava à abstenção.

Do resto, também no Porto o MEIC montou uma sala de Imprensa e considerou aquele «um dia de muita alegria» porque ficou a marcar na opinião do brigadeiro mais visitado deste país, «uma etapa importante na conquista da democracia em Portugal». Horas antes, ainda de madrugada, três jovens foram presos nos Marquês por andar a colar panfletos «subversivos», nos quais se dizia do governo tanto mal quanto aquele que se tem dito na Assembleia; e da P.S.P. e G.N.R. tal mal quanto o tem feito o P.C.P. e os GDUP's, por exemplo, e se convidava à abstenção.

O bispo do Porto, esse, votou um pouquinho antes das duas da

tarde. Na Torre Medieval, evidentemente. Foi dizendo que a Democracia deve ser consolidada a partir das bases, mas foi acrescentando que a zona da Sé se encontra num estado deplorado, o que é bem verdade.

Todavia o eng. Capelo Veloso prometia prioridade absoluta ao problema habitacional, que é «difícil, de facto, e tão verdade, pelo menos, como o mau estado da zona da Sé. Curioso, contudo, que as três da manhã o eng. Veloso fosse entrevistado pela TV, como o novo presidente do Município portuense, antes de ter sido fornecida qualquer informação oficial relativamente às autarquias da cidade. É que o serviço de informações dos partidos funcionou negativamente mais depressa do que a complexa máquina computadorizada na Gulbenkian, em Lisboa.

De resto, também no Porto o MEIC montou uma sala de Imprensa e considerou aquele «um dia de muita alegria» porque ficou a marcar na opinião do brigadeiro mais visitado deste país, «uma etapa importante na conquista da democracia em Portugal». Horas antes, ainda de madrugada, três jovens foram presos nos Marquês por andar a colar panfletos «subversivos», nos quais se dizia do governo tanto mal quanto aquele que se tem dito na Assembleia; e da P.S.P. e G.N.R. tal mal quanto o tem feito o P.C.P. e os GDUP's, por exemplo, e se convidava à abstenção.

O bispo do Porto, esse, votou um pouquinho antes das duas da

funcionárias) do MEIC, TLP e CTT destacados para a sala de Imprensa no Porto, deram um exemplo de profissionalismo e de consciência do serviço que prestavam, que não é demais destacar.

Nesta sala esteve ao princípio da noite o presidente do P.S., António Macedo. A idade, talvez mais do que os desalentado-

res primeiros resultados que foram fornecidos, levaram o antigo advogado de Agostinho Neto a ir cedo para casa.

Gente que desapareceu cedo também foi a do C.D.S., que chegou a ter os semblantes sorridentes. Estóicos e discretos, os militantes do P.C.P. da FEPU mantiveram-se a trabalhar toda a

noite, festejando entre si os lugares nas Câmaras e Assembleias que iam conhecendo através dos resultados que chegavam. Um lugar que fosse, numa qualquer Assembleia de oito ou mais membros era religiosamente anotado e comentado como uma vitória. Os representantes do P.S.D. tiveram momentos de mal disfarçada euforia.

«Como considera a capacidade financeira da Câmara Municipal do Porto e, portanto, a sua independência relativamente ao Poder Central?»

C.V. — Esse é um problema que levantei na minha intervenção no comício do Partido Socialista, no Palácio de Cristal. É fundamental que saia, dentro do mais curto espaço de tempo, o plano das verbas com que a Câmara pode contar para poder executar os seus planos. A coisa está francamente vaga e portanto não temos ainda dados concretos sobre as receitas camarárias. E isso é capital para que se possa executar um programa.

## FEPU festeja vitória em Beja

A Frente Eleitoral Povo Unido obteve a vitória no distrito de Beja: 55 presidentes de juntas de Freguesias, 9 presidentes da Câmara Municipal e 30 vereadores. O Partido Socialista, com 31 presidentes de juntas de Freguesias, 4 presidentes de Câmaras e 32 vereadores, situou-se em segundo lugar. O PSD, obtendo a vitória em três Freguesias, fez eleger ainda dois vereadores e um presidente da Câmara.

As eleições que decorreram num ambiente de calma, sem incidentes, caracterizaram-se por um acréscimo substancial de abstenções. Em Saboia (Odemira) a taxa de abstenção ultrapassou os 50%. Noutras localidades as abstenções foram igualmente elevadas: Barrancos, Santana de Cambas (Mértola), Rosário e Santa Clara (Almodover), Faro do Alentejo (Cuba), Garvão e Panóias (Ourique).

A afliência às urnas foi efectivamente menor que nas anteriores eleições: em Bringel, Fer-

reira do Alentejo e mesmo Beja, a maioria das secções de votos não registaram encherches, não se tendo verificado bichas.

A vitória da FEPU neste distrito não esconde o velho revés para o PCP. Em quase todas as freguesias a sua massa de votantes decaiu, chegando mesmo a verificarem-se quedas da ordem dos 20 e mais por cento. Em contrapartida o PS, embora não apresente ganhos substanciais, (com excepção de Odemira) tendo em conta a massa de votantes, registou assinaláveis avanços. Anote-se que na quase totalidade dos concelhos em que o PS não enfrentou listas do PSD e do CDS, os ganhos alcançados revelam que a saída destes dois eleitorados apoiando o voto útil apoiaram os socialistas. Todavia, o eleitorado do CDS e do PSD foi a este respeito oscilante.

Tirando a assinalável queda do PCP em Odemira e do CDS em Beja, aqueles partidos obtiveram subidas relativas nos concelhos

em que concorreram: Serpa, Mértola, Ourique. Em Ourique, inclusivé, o PSD conseguiu fazer eleger um presidente da Câmara e um vereador.

Quanto aos GDUP's, os resultados parecem apontar para o seu quase desaparecimento, com excepção para algumas freguesias: Moura (Santo Agostinho e São Baptista) e Baleizão, onde os votos nos GDUP's ultrapassaram a centena. Assinala-se o triunfo do PS na Vidigueira, em Moura, no Alvito e em Almodover.

Em Cuba foi eleito uma figura bastante conhecida do Alentejo — Francisco José Felgueiras Rodrigues — elemento próximo ao ex-governador civil de Beja.

As primeiras horas da manhã de hoje a FEPU, aos gritos de «vitória», festejou os seus resultados nas ruas de Beja. Todavia, uma leitura atenta dos números atesta que a mare PC está em nítido refluxo no Baixo Alentejo. Sinal na mudança política que se vem registando nos últimos meses.

## Sá Carneiro

### «Creio que o PS devia fazer uma reflexão»

O presidente do Partido Social Democrata esteve também na Fundação Calouste Gulbenkian. Abordado à entrada pelo nosso jornal, perguntámos na sua opinião e em caso destas eleições serem relativamente desfavoráveis ao Partido Socialista, entendia que o governo deveria rever a sua posição em termos de aliança. Sá Carneiro disse-nos: «creio que o PS devia fazer uma reflexão. Não propriamente em termos de governo, mas em termos de país e de orientação política geral. Mas tudo depende do resultado final das eleições e das variações que houver nas posições relativas dos partidos. Nós temos sempre sustentado que, ao

contraio das eleições nacionais, estas não têm necessariamente um significado nacional. Mas é evidente que se houver variações muito grandes daí poderão extrair-se algumas conclusões».

Quanto ao evoluir dos resultados Sá Carneiro mostrou-se satisfeito e afirmou não haver até ao momento surpresas de maior. Assinala-se que o concelho de Porto Santo, no arquipélago da Madeira, deu a maioria dos votos ao Partido Socialista. Isto poderia significar uma não concordância com a orientação seguida pelo governo regional do PPD/PSD. Ou, talvez, efeitos da já conhecida rivalidade entre Porto Santo e Madeira.

Freitas do Amaral

## «Estranho que o PS tenha actuado como o centro e direita francesa»

*Estranho que o PS tenha actuado aqui precisamente como o partido do centro ou da direita em França — disse Diogo Freitas do Amaral ontem perante a TV, referindo-se ao modo como o partido governamental utilizou o tempo de antena naquele órgão de comunicação social. Classificando aquela actividade como «um mau serviço que o Governo prestou à democracia», o líder do CDS produziu outras declarações que transcrevemos na íntegra.*

*Não sei se o sr. prof. ouviu as declarações que o ministro António Barreto proferiu há pouco. Ele falou no significado destas eleições e da importância da descentralização, eu gostava que o sr. prof. Freitas do Amaral comentasse essas afirmações no caso de as ter ouvido.*

Freitas do Amaral — Devo dizer que não estava a prestar atenção a estas declarações, mas eu considero de facto que para além do primeiro significado destas eleições, que é de ter completado a rede das instituições democráticas através da efectivação da democracia local, elas são também significativas porque, através delas, se dá um passo extremamente importante a caminho da descentralização. A descentralização é um objectivo que está longe ainda de ser atingido e que não se obtém apenas pelo apuramento de eleições locais. É preciso que haja uma grande transferência de poderes legais da parte do poder central para as autoridades locais; é preciso que haja uma grande transferência de verbas de recursos financeiros da parte do Orçamento Geral do Estado para os orçamentos municipais. Tudo isto está por fazer.

As perspectivas de resto de acordo com o projecto do Orçamento Geral do Estado para 1977 não são muito animadoras a esse respeito. De qualquer modo, o facto de se terem feito eleições locais e a partir de agora as comunidades locais tanto dos concelhos como as freguesias passarem a ser dirigidas por aqueles que o povo directamente escolheu para esse efeito dá-lhes um poder e uma independência de reivindicação perante o poder central que vai efectivamente

funcionar como uma alavanca poderosa no sentido de obrigarem as coisas a marchar; no sentido da descentralização. Isso parece, de facto, um resultado extremamente positivo e creio que dele se podem esperar as melhores consequências do ponto de vista do caminhar para uma descentralização efectiva no nosso país que é tão necessária e tão legítima.

JL — O sr. foi um dos críticos quanto às intervenções que o dr. António Barreto e também o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares fizeram através da televisão ao país. Segundo o seu partido teriam também tido influência no resultado destas eleições. Quer comentar?

FA — Nós criticamos severamente o Governo pelo facto de ter utilizado a televisão durante a campanha eleitoral e não estamos sozinhos uma vez que, por iniciativa nossa, sob proposta do nosso grupo parlamentar, a AR aprovou um voto de protesto.

De facto parece-me uma atitude muito pouco democrática da parte do Governo aproveitar-se das suas possibilidades de acesso à televisão durante a campanha eleitoral e a verdade é que, vendo as coisas com serenidade, nenhuma das declarações feitas na televisão durante o período da campanha eleitoral pelo Governo, nenhuma delas era urgente, nenhuma delas versava matéria de grande emergência nacional e, portanto, o Governo que demorou tanto tempo a falar nesses assuntos — já está no poder há quatro meses, bem poderia ter esperado mais quatro dias para fazer essas declarações.

— De qualquer modo, o sr. Professor terá de concordar que

isso acontece nos países democráticos. O partido que está no Governo beneficia desse facto.

FA — Depende dos países. Há, de facto, países onde isso não acontece, como no caso da Inglaterra e da Alemanha. Acontece muito na França, mas é curioso que a esquerda francesa sempre criticou o governo e nomeadamente o general de Gaulle por fazer isso, por se dirigir ao país em plena campanha eleitoral sem dar à oposição oportunidade de o fazer. É muito estranho para mim que a esquerda portuguesa, que aliás cresceu pela mão da esquerda francesa (e pensa muito em termos franceses e viveu muitos anos no exílio sob a hospitalidade e cordialidade da esquerda francesa) não tenha aprendido com a esquerda francesa as críticas que ela fazia ao governo da França por cometer esses erros e tenha chegado aqui e tenha passado a actuar precisamente como os partidos do centro ou da direita em França. Suponho que isso é um mau serviço que o nosso Governo prestou à democracia.

— O centro em Portugal funciona também ou segue as linhas do centro em França?

FA — O centro em Portugal segue algumas linhas do centro em França, embora, naturalmente, as coisas sejam muito diferentes em França e em Portugal e, portanto, não haja identidade absoluta.

— Mas, vamos, portanto, voltar a Portugal e voltar a estas eleições e gostava que o sr. Professor Freitas do Amaral comentasse uma informação que eu tenho que é em S. Pedro do Sul, o C.D.S. ganhou as eleições para as autarquias conquistado, em território do partido socialista?

FA — Aliás não foi apenas essa. Há vários casos de vitórias nossas conquistadas até agora em território eleitoralmente pertencente ao PS. Isso foi alguma coisa que tem a sua lógica porque, ao longo destes dois anos e



O prof. Freitas do Amaral quer dizer que o CDS é o partido dos trabalhadores?

FA — Não, nós não somos o partido de uma classe, não pretendemos ser partido de nenhuma classe em especial. Nós somos um partido aberto a todas as classes e a todos os portugueses e aquilo a que nós aspiramos é, quando chegarmos a obter a maioria dos votos do eleitorado, procurar que haja uma representação tão equilibrada quanto possível de todas as classes, de todos os sectores profissionais, de todas as regiões de modo a que o partido possa ser uma representação à sua escala do próprio país.

Qual é a sua previsão em relação à posição que o seu partido irá ocupar nos resultados finais?

FA — Não posso fazer previsões numéricas. Aliás, para já, os resultados são ainda muito pouco importantes. Em todo o caso, creio que o CDS vai subir, vai reforçar muito a sua implan-

tação e permitir-me-á que lhe diga que, neste momento, há desde já, dois resultados que muito me enchem de satisfação nesse sentido: um é a vitória da freguesia da Madalena, em Lisboa, que é a freguesia onde está instalada a sede do nosso partido (Largo do Caldas) e onde nós tínhamos ganho nas últimas eleições; a outra é uma vitória para nós cheia de significado muito simbólica que é a vitória na Câmara Municipal de Aveiro. Aveiro uma terra cheia de tradições democráticas, uma terra que foi durante muitos anos a terra simbólica da oposição democrática ao Governo de ditadura de direita e que hoje vota no partido que é também oposição democrática a um Governo — agora um Governo de esquerda. Isto significa que nós fomos ali encontrar nessa terra símbolo da democracia em Portugal, uma maioria centrista que nos compreende, que nos apoia, que nos levou à presidência da Câmara e isso enche-nos, de facto, de uma grande alegria.

Álvaro Cunhal

## «A resposta dos trabalhadores alentejanos está dada nestas eleições»

*Álvaro Cunhal, ainda esta madrugada teve oportunidade de comentar a marcha do processo eleitoral, tendo considerações sobre a forma como os votantes reagiram à FEPU. Na perspectiva do secretário-geral do PCP, a TV terá desfavorecido a imagem real da FEPU, que considera ter sido um grande sucesso.*

Disse Álvaro Cunhal:

«Tive a ocasião de assistir a uma parte da informação na TV e, na verdade, se a minha informação fosse a TV ficava com uma ideia completamente errada dos resultados eleitorais, porquanto todos os resultados que apareciam eram todos os que desvalorizavam a participação da FEPU nas eleições. Em relação, por exemplo, ao Sul, até muito recentemente, não eram praticamente dados os resultados. Eu ouvi dizer que houve uma avaria no computador, mas há muitos outros processos de informação e, na verdade, nós podemos ter muitas outras informações em relação às eleições no Sul. Ao contrário do que os resultados transmitidos pela TV (pelo menos durante bastante tempo) davam a entender, consideramos que foi um grande sucesso, a FEPU.

Não me quero adiantar quanto a resultados globais, mas se considerarmos que, por exemplo, a TV falou quantas vezes na Vidigueira e no Alentejo? Na Vidigueira houve uma diferença de 17 votos e chamou-se-lhe a grande vitória da Vidigueira...

«Talvez a maior parte dos telespectadores não saibam, por exemplo, que a FEPU ganhou na maioria dos concelhos alentejanos, onde a FEPU deu uma resposta a toda aquela agressividade do ministro Barreto e a todo aquele plano de liquidação da Reforma Agrária. A resposta dos trabalhadores alentejanos está dada nestas eleições para as autarquias através de uma grande votação na FEPU. Já está absolutamente claro que a grande maioria dos concelhos alentejanos ficaram administrados por democratas que faziam parte das listas da FEPU. Isto, não tem apenas o significado de ter sido confiada a administração local e das freguesias a pessoas honradas, honestas em quem o povo faz confiança, mas também a aprovação e o apoio do povo destas regiões à política que era a política do meu partido e daqueles democratas que, com o PC participaram na FEPU. Isto tem um significado que é necessário ter em conta.

«Assistimos a propaganda eleitoral feita pelo sr. primeiro-ministro contra o próprio decreto e interdição que ele tinha feito de

utilização da TV para propaganda eleitoral. Enfim, uma série de irregularidades...

«Nestas condições e até bombistas e atentados terroristas da direita fascista que depois se impunha virem da esquerda. Portanto, a todo isto assistimos e em muitos casos vemos que a grande votação na FEPU é a resposta devida, quer dizer que o nosso povo não se deixou arrastar por essa propaganda nem por essas ilegalidades e mostrou e comprovou a aprovação de umas largas massas populares à política do PC e daqueles democratas antifascistas e de muitos socialistas que conosco participaram nas listas da FEPU.

«Neste momento qual é, se é possível fazer uma previsão em relação aos resultados e à posição da FEPU.

«A interpretação dos resultados, naturalmente, necessita de um exame bastante cuidadoso, se se tomar por exemplo o Alentejo, é um erro considerar que a votação do PS como uma votação socialista, porquanto o PPD e o CDS desistiram previamente a favor do PS. Quer dizer: os votos do PS são do PPD e CDS. Por exemplo, na Vidigueira, não me venham contar que os 17 votos não sejam do PPD e CDS. Eles teriam mais de 17 votos para darem ao PS. Portanto, a reacção

votou no PS no Alentejo; portanto existe uma maneira concertada para colocar o PC e seus aliados em segundo plano. Mas não conseguiram na grande maioria. No que respeita ao país, há progressos notáveis de percentagem e números absolutos daquelas forças que estavam na FEPU comparado com a votação no PC e noutras forças políticas que se aliaram ao PC na frente eleitoral. Portanto, a previsão é difícil. Agora, de certeza, que há um avanço da FEPU, sobretudo em percentagem. Contudo, em números absolutos, mostra um alargamento do número de pessoas que apoia esta política ainda que se tenha de ter em conta a grande percentagem de abstenções. De momento, não posso fazer uma estimativa, mas deve ir a 30 ou 40 por cento e em alguns casos certamente mais, em algumas regiões.

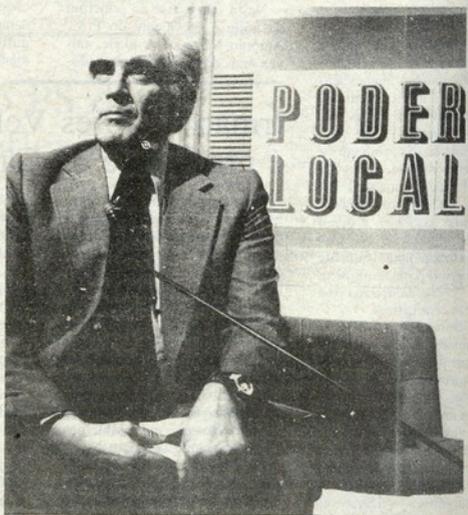
«O que significa para si a elevada percentagem de abstenções?

AC — Talvez por um certo cansaço, por uma política que não corresponde aos interesses do povo. Nós vemos que o governo presente — depois de fazer promessas no programa — não está a cumprir essas promessas, nem no que respeita à defesa dos interesses dos trabalhadores, nem no que respeita aquilo que nós consideramos a defesa das

conquistas da revolução portuguesa que estão consignadas na Constituição: Reforma Agrária, nacionalizações, controlo operário. Ao contrário, este governo tem seguido uma política contra essas conquistas revolucionárias do nosso povo consagradas na Constituição e que hoje fazem parte da democracia institucional-

izada e este governo tomou uma ofensiva contra essas conquistas. Isto leva muita gente a um certo desânimo, a uma certa descrença e daí um certo afastamento da vida política.

Pensamos que esta abstenção reflecte um desencanto pela política do governo PS.



# poder local

Sousa e Castro

## «Com estas eleições fica cumprida a missão do MFA»

Com as eleições para as autarquias locais a missão a que se comprometeram os «capitães de Abril» fica quase cumprida — afirmou ontem o conselheiro da Revolução, capitão Sousa e Castro a um repórter do «Jornal Novo».

O capitão Sousa e Castro no curto depoimento que nos deu analisou o significado político destas eleições para os órgãos do poder local e referiu que «se não forem as próprias populações a elegerem os seus representantes locais os conceitos de descentralização e regionalização ficariam deturpados».

JN — Qual foi a impressão que colheu no momento em que foi votar para além da importância já enaltecida deste acto eleitoral o terceiro deste ano?

SC — Votei precisamente à mesma hora das outras votações em que participei e verifiquei que havia menos pessoas o que poderá não querer dizer nada relativamente à afluência às urnas; por outro lado notei que as pessoas exerciam o seu direito de voto com mais naturalidade e mais à vontade.

JN — Havia uma aprendizagem já...  
SC — Havia portanto uma aprendizagem ao fim de tantas votações.

JN — Não é propriamente ao conselheiro da Revolução que eu vou fazer a pergunta, mas ao cap. Sousa e Castro, estas eleições estão mais relacionadas com dois fenómenos de que se tem falado muito e de que se tem falado pouco ao mesmo tempo.

O que é a descentralização e a regionalização do poder local como influência decisiva no futuro próximo da política portuguesa?

SC — A sua pergunta é muito complexa, no entanto eu penso que poderei dar uma resposta muito sucinta sobre aquilo que eu entendo por descentralização e regionalização. É evidente que estas eleições estão na base de qualquer descentralização em termos de dar uma certa realidade ao que se chama o poder local; efectivamente se não forem as próprias populações a elegerem os seus representantes legítimos e locais evidentemente todo esse conceito poderá sair deturpado depois na prática; de qualquer forma a regionalização e descentralização sobre qualquer dos aspectos em que ela seja encarada só é viável se efectivamente depois a máquina estatal, a estrutura burocrática do Estado permitir uma assistência fundamentalmente financeira e em termos de quadros e de técnicos às regiões, aos concelhos, às autarquias locais, como se diz.

JN — Cap. Sousa e Castro, cap. de Abril, 25 de Abril, programa do MFA, missão cumprida?

SC — Eu penso que tanto é uso dizer-se que estas eleições fecham um ciclo da democratização do país, eu penso que de certo modo é assim de resto esperamos que não haja mais eleições dentro dos próximos três, quatro anos e de certo modo a missão dos militares poderá considerar-se cumprida, embora como sabe



o período de transição determina que haja um órgão político militar que ainda tem um certo papel que lhe é atribuído constituicionalmente, mas de qualquer forma pode afirmar-se que no fim destas eleições a missão está quase cumprida.

o período de transição determina que haja um órgão político militar que ainda tem um certo papel que lhe é atribuído constituicionalmente, mas de qualquer forma pode afirmar-se que no fim destas eleições a missão está quase cumprida.

## FEPU concorreu em Torres Vedras

A Frente Eleitoral Povo Unido foi admitida a participar nas eleições para as autarquias locais, nos concelhos de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço e Cadaval, após decisão proferida pelo Tribunal da Relação de Lisboa.

Recorde-se que o juiz do Tribunal da comarca de Torres Vedras tinha considerado ilegal a documentação apresentada naquele concelho pela FEPU, o que levou esta Frente a recorrer para o Tribunal da Relação de Lisboa.

## CNE reprova atentado em Amarante

A Comissão Nacional de Eleições reprovou ontem a notícia divulgada por alguns órgãos de informação atribuindo à Frente Eleitoral Povo Unido suposta responsabilidade por um atentado bombista registado, em Amarante, «por não se coadunar com a isenção que deve ser mantida rigorosamente durante a campanha e sobretudo nas vésperas do acto eleitoral».

A Comissão Nacional de Eleições refere ainda que «teve conhecimento, através dos órgãos

de informação do atentado bombista, o que não pode deixar de condenar veementemente».

Entretanto, a FEPU distribuiu um comunicado salientando «ser evidente estamos perante uma provocação perfeitamente montada pelas forças reaccionárias, realizada a escassas horas do termo da campanha eleitoral, com o objectivo inconcessível de influir os resultados eleitorais e de procurar impedir a grande vitória que se avizinha da Frente Eleitoral Povo Unido».

## Costa Brás «controlou» o país

O ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás percorreu, ontem, de helicóptero algumas zonas do País com o objectivo de se inteirar pormenorizadamente, do funcionamento das diversas assembleias de voto.

A primeira visita do ministro da Administração Interna foi na vila de Torres Vedras, onde visitou algumas mesas de voto. De seguida, dirigiu-se a Rio Maior e a Coruche. Ao sobrevoar o concelho da Golegã, sua terra natal, o ministro foi calorosamente saudado pela população. Costa Brás almoçaria na Base Aérea n.º 3 em Tancos, com o comandante da Base, tenente-coronel Estevães, dirigindo-se, depois

para o Sul do País, onde visitou demoradamente a vila de Arraiolos.

Antes de ter iniciado esta visita por algumas zonas do País, o ministro da Administração Interna avistara-se com o Presidente da República, general Ramalho Eanes, no local onde o Presidente exerceu o seu direito de voto.

Relativamente à eventualidade de um aumento de abstencionismo, o tenente-coronel Costa Brás observou que «estas eleições têm realmente, em relação a isso, um risco, porque existe uma certa saturação — e é perfeitamente admissível que exista, ao fim de três eleições durante o ano».

«No entanto — prosseguiu — estou convencido de que, apesar de tudo, o abstencionismo, não atingirá números que até noutros países são correntes. Nós reportamo-nos, normalmente, para a apreciação das abstenções, aos valores que foram obtidos em Portugal nas eleições anteriores. Portanto, é possível que haja um pequeno acréscimo de abstenção, mas penso que não será substancial», prosseguiu o ministro da Administração Interna, acrescentando: «Se tivermos 75 por cento de votantes considero isso um excelente resultado.»

Relativamente à preparação das populações das áreas rurais para estas eleições, afirmou Costa Brás:

«Não posso dizer que elas estejam perfeitamente informadas,

mas estão informadas porque, fundamentalmente, vivem os problemas locais e sentem que estas eleições têm uma importância grande para a resolução dos problemas locais.»

«Até penso — sublinhou — que a percentagem de absten-

cionismo se verificará mais nos centros urbanos do que nos rurais, exactamente por essa razão. Mas a experiência colhida, não só no aspecto educativo, como até no aspecto de formação política, ao longo de todo este período eleitoral, é extremamente positivo».



Costa Brás — que durante o dia de ontem percorreu o país de helicóptero — jantou, quase anonimamente, num restaurante de Paço de Arcos, cerca das 22.30. Referindo-se ao acto eleitoral, aquela hora, o ministro da Administração Interna salientou a forma satisfatória como decorreram as eleições referindo, contudo, a ocorrência de pequenos incidentes, que na altura especificou, na zona do Minho.

## LOTARIA DO NATAL E... BOAS FESTAS!

26.141 PRÉMIOS IGUAL A 116.640 CONTOS

DIA 22 ANDA A RODA



Novo serviço totalmente contentorizado para:

**ANVERS e ROUEN**

o porta-contentores «THOMAS MANN» em 22 do crte.

- saídas regulares de 14 em 14 dias.
- aceitamos carga em contentores completos e em grupagem.

### OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES S. A. R. L.  
Praça Duque da Terceira, 4 - Tel. 36 60 56 / 36 22 66  
Lisboa 2 Portugal

END. TELEG. ANTUNITA TELEX 12181-OREY P APARTADO 2233